

A Influência do Sexo no Modo como os Atletas Percepcionam os seus Resultados Desportivos

António M. M. Fonseca

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto

Resumo. – O autor analisou o modo como 187 praticantes masculinos (98) e femininos (89) de diversos desportos (natação, voleibol, ginástica artística e ginástica rítmica desportiva) percepcionaram os seus resultados mais significativos de sempre (positivo e negativo). Os dados evidenciaram que os atletas, de uma forma geral, apesar de considerarem que os seus resultados são originados por causas internas, instáveis e controláveis – por eles, mas não pelas outras pessoas –, parecem considerar que os seus bons resultados são consequência de causas mais internas, estáveis e passíveis do seu controlo do que os seus maus resultados. Por outro lado, não obstante os atletas de ambos os sexos parecerem percepcionar as causas dos seus resultados do mesmo modo, os rapazes parecem desvincular-se mais pronunciadamente dos seus resultados negativos.

Se atentarmos na prolífica literatura dedicada ao estudo da psicologia da motivação, verificamos que a sua evolução se caracteriza por um deslocamento dos centros de interesse (cfr. Weiner, 1990). É evidente uma alteração significativa no estudo da motivação a partir de 1960, altura em que se denotou um incremento no interesse de compreender as cognições – o que é que cada um pensa e/ou o que cada um conhece (Carron, 1984). Este interesse derivou da consideração de que aquilo que pensamos, que dimana da forma como percepcionamos os acontecimentos, pode condicionar directamente a nossa motivação e, conseqüentemente, o nosso comportamento.

Enquanto nos autores mais tradicionais a ideia subjacente era a de que as relações entre os comportamentos observados e as necessidades psicológicas eram directas, actualmente sabe-se que esta relação é bastante

mais complexa, pois é mediada por complexos processos cognitivos (Durand, 1987).

Os comportamentos dependem não só das necessidades de cada um mas também da forma como são tratadas as informações, o que nos permite falar de uma regulação cognitiva da motivação e do comportamento. Tal facto levou, necessariamente, a uma alteração na orientação dos estudos realizados sobre esta temática.

Thomas, Missoum e Rivolier (1987) referem que, actualmente, a maior parte das investigações realizadas sobre os factores que dinamizam os atletas de alto nível têm sobretudo em atenção, para além das suas necessidades de realização, as razões apontadas pelos atletas para explicar os seus resultados. O principal objectivo desta orientação tem a ver com a possibilidade que nos concede de poder explicar, pelo menos, uma parte dos comportamentos humanos.

Durand (1987), por seu turno, considera mesmo a problemática relacionada com os processos de regulação como a de maior interesse, actualmente, para os estudiosos dos problemas da motivação.

As teorias cognitivistas constituem-se, assim, como o suporte conceptual que permite aos investigadores arguirem em defesa do homem como ser, não só reactivo (exclusivamente dependente de necessidades, como defendem as abordagens mecanicistas), mas também activo (estruturando o seu comportamento com base, igualmente, nos produtos dos seus processos perceptivo-cognitivos).

De entre estas, salientamos a teoria da atribuição, tema central do nosso estudo, largamente adoptada pelos psicólogos do desporto, em parte pela sua abordagem cognitivista mas também pela sua facilidade de aplicação (Thomas, Missoum e Rivolier, 1987).

Os investigadores olharam para a teoria da atribuição como uma forma de aumentar a possibilidade de explicar e prever o comportamento para a realização (Brawley e Roberts, 1984), e o seu papel tem sido apreciável (Thomas, Missoum e Rivolier, 1987). É importante, todavia, referir que a investigação realizada em Portugal (Brito, 1990) não tem, neste ponto, acompanhado as tendências verificadas no contexto internacional (Singer, 1985; Williams e Straub, 1986).

A teoria da atribuição considera que o atleta activa processos informativos acerca de um acontecimento. Este processamento da informação é universal. Em todos os indivíduos se verifica uma propensão para a

análise e explicação dos acontecimentos nos quais estão envolvidos, independentemente de os protagonizarem.

No contexto desportivo, então, esta procura de explicações e de associação de causas aos factos é realizada a todo o momento (Carron, 1984; Durand, 1987). É com base nos resultados desta actividade de associação de causas aos factos (atribuições causais), que o atleta estrutura as suas convicções acerca das razões que estiveram na origem do resultado alcançado. Estas convicções, produto de todo o anterior processo perceptivo-cognitivo, vão, por sua vez, condicionar o comportamento futuro do atleta.

Assume-se, desta forma, que a maneira como o atleta percebe e explica os seus resultados apresenta uma relação com o seu comportamento futuro (Thomas, Missoum e Rivolier, 1987), condicionando os seus comportamentos e podendo influenciar a sua motivação (Roberts, Spink e Pemberton, 1986). A atribuição causal pode ser considerada como um conjunto de operações pontuais ligadas à tarefa, mas tem igualmente a ver com a personalidade da pessoa: um indivíduo tem tendência a efectuar o mesmo tipo de atribuições em situações distintas (Durand, 1987).

A teoria da atribuição baseia-se nos estudos de Heider (1944, 1958) acerca do modo como as pessoas interpretam os acontecimentos em que estão envolvidos. De acordo com Heider, as pessoas procuram estruturar e controlar pelo menos parte das suas acções a partir da compreensão das causas dos seus resultados anteriores. Compreendendo estas causas, usualmente denominadas atribuições causais, as pessoas passam a possuir maiores possibilidades de tornar efectivas as suas acções. Por exemplo, um atleta que considere que um insucesso recente se deveu a uma deficiente preparação, pode rectificar o problema no futuro, através de uma melhoria na sua preparação (Roberts, Spink e Pemberton, 1986).

No entanto, a teoria da atribuição não ignora a influência das necessidades e motivos no processamento da informação e estruturação das atribuições; de facto, existem duas abordagens distintas no estudo das atribuições: a cognitivista e a funcionalista, ou motivacional (Tetlock e Levi, 1982). A primeira perspectiva o homem como um processador de informação que procura um aperfeiçoamento cognitivo e uma visão racional do mundo. A segunda examina a noção de que as atribuições têm igualmente funções psicológicas e sociais (*e.g.*, necessidade de manutenção / aumento da autoestima, necessidade de aprovação social). Segundo

esta perspectiva, a necessidade de satisfação das necessidades pode motivar os atletas a alterar a sua visão do mundo (Brawley e Roberts, 1984).

De entre as diferentes teorias relacionadas com as atribuições, o modelo atribucional de Weiner tem sido o mais utilizado no que se correlaciona com o contexto desportivo (Biddle, 1993).

Para Weiner (1979, 1986), o modo como as pessoas percebem as causas que atribuem para os acontecimentos em que estão envolvidas é condicionante, por exemplo, das suas expectativas de sucesso futuro e do nível de empenhamento que orientam para a prática subsequente da actividade em causa. Weiner considera que os indivíduos avaliam as causas que estiveram na base dos comportamentos observados ou vivenciados, ao longo de três dimensões: *locus* de causalidade, estabilidade e controlabilidade. A dimensão do *locus* de causalidade refere-se ao facto de a causa ser interna ou externa ao indivíduo, a dimensão da estabilidade respeita à constância da causa no tempo, enquanto a dimensão da controlabilidade se relaciona com a possibilidade de a causa ser influenciada pela acção do indivíduo ou de outras pessoas.

De salientar que, recentemente, McAuley, Duncan e Russell (no prelo) propuseram a divisão da dimensão da controlabilidade em duas dimensões distintas, apesar de relacionadas: as dimensões do controlo pessoal e do controlo externo. A dimensão do controlo pessoal refere-se à possibilidade que a causa em análise tem, ou não, de ser controlada pelo indivíduo, enquanto a dimensão do controlo externo se relaciona com a capacidade que as outras pessoas têm, ou não, de influenciar a mesma causa.

É vulgar considerar que homens e mulheres se dissemelham nas atribuições que fazem após a realização de competições desportivas (Biddle, 1993). No entanto, ao analisarmos a extensa literatura publicada a este respeito, constatamos que a ideia de que os homens parecem considerar os seus sucessos como consequência de causas mais estáveis e internas do que as mulheres (Carron, 1980, 1984) não é assim tão consistente.

Se bem que diferenças sexuais tenham sido referidas em diversas investigações, estas nem sempre se verificaram na mesma direcção. Tal facto leva-nos ao maior problema da investigação atribucional nesta área: o da falta de generalização dos dados (Durkin, 1987).

Com efeito, alguns autores referem a inexistência de diferenças significativas entre as atribuições efectuadas por homens e mulheres. Por

exemplo, Bird e Williams (1980) constataram que, nos escalões etários dos 10 aos 12 e dos 13 aos 15 anos, as crianças, independentemente do seu sexo, atribuíam os resultados essencialmente ao esforço desenvolvido. As diferenças entre sexos apenas eram evidentes no escalão etário dos 16 aos 18 anos, com as raparigas a distinguirem-se dos rapazes ao atribuírem os seus resultados essencialmente à sorte, enquanto os rapazes os atribuíam somente ao esforço dispendido.

Em dois outros estudos acerca das atribuições efectuadas por crianças, com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos, em contextos diferenciados (académico, desportivo e social), os autores (Fielstein *et al.*, 1985, e Weiss, McAuley, Ebbeck e Wiese, 1990) não referiram diferenças nas respostas em função do sexo dos inquiridos.

A pesquisa desenvolvida no âmbito da psicologia geral parece, no entanto, indiciar que diferenças sexuais ao nível de autopercepções como as atribuições ou a competência percebida poderão não se manifestar antes dos 12-14 anos, altura em que as raparigas atingirão a puberdade. Como suporte para esta ideia poderemos referir Leggett (1985), quando este afirma ter encontrado diferenças sexuais na concepção que as crianças têm acerca da inteligência: enquanto as raparigas percebem a inteligência como uma característica imutável, os rapazes percebem-na como uma característica passível de alteração.

No contexto desportivo, alguns estudos evidenciaram a existência de diferenças nas atribuições efectuadas por indivíduos de sexos diferentes. Por exemplo, Zientek e Breakwell (1988) solicitaram a um grupo de estudantes universitários que visonassem pequenos excertos de jogos de hóquei e que referissem qual consideravam ser o desenvolvimento da jogada observada. Antes de ter sido comunicado aos participantes do estudo se haviam, ou não, acertado, foi-lhes igualmente pedido que indicassem quais as causas por que consideravam ter acertado, ou falhado. Quando analisaram as respostas dadas, os autores constataram que os homens se diferenciavam das mulheres ao explicarem os seus insucessos com base na falta de concentração, enquanto estas os relacionavam com a sua incapacidade. No que diz respeito ao sucesso, mais uma vez foram patentes as diferenças sexuais, com as mulheres a associá-lo, de uma forma mais intensa que os homens, à sorte.

Riordan, Thomas e James (1985), num estudo realizado com praticantes de raquetebol de ambos os sexos, participantes num torneio local,

depararam igualmente com diferenças sexuais nas atribuições elaboradas pelos atletas, nomeadamente na dimensão da estabilidade, com os homens a percepcionarem as causas dos seus resultados como mais instáveis do que as mulheres. Os resultados deste estudo foram interpretados pelos autores como contributivos para a qualificação da noção de que as mulheres são atribucionalmente mais modestas do que os homens.

Diferenças atribucionais entre atletas de sexos diferentes foram também salientadas por Tenenbaum e Furst (1985). Contrariamente à sua hipótese inicial, os autores verificaram que os atletas dos diferentes sexos diferiam nas atribuições efectuadas após os jogos, com os masculinos a percepcionarem as causas dos seus resultados como mais internas, estáveis e controláveis.

Estes estudos, se bem que confirmem parcialmente a ideia, sugerida por diversos estudos anteriores (cfr. McHugh, Duquin e Frieze, 1978), de que as mulheres evidenciam uma modéstia atribucional, são no entanto escassos para fundamentarem de forma consistente a tese da existência de diferenças sexuais significativas neste domínio. Efectivamente, o número de investigações que indicia a similaridade entre homens e mulheres, no que se relaciona ao modo como explicam os seus resultados, tem vindo a aumentar recentemente (e.g., Biddle e Hill, 1992; Mark, Mutrie, Brooks e Harris, 1984; McAuley e Duncan, 1989; Robinson e Howe, 1989).

Os investigadores interessados nas diferenças atribucionais entre sexos, de entre os quais poderemos salientar Deaux, têm utilizado fundamentalmente o modelo de Weiner como estrutura conceptual de suporte (Durkin, 1987). Deaux (1984) defende que as diferenças verificadas entre as atribuições realizadas por atletas de diferentes sexos resultam fundamentalmente da influência de variáveis situacionais, como a dificuldade relativa da tarefa, e não das suas características sexuais. A autora considera que a iguais expectativas pré-competitivas correspondem iguais atribuições, pois que o determinante para a estruturação de atribuições diferentes por parte de homens e mulheres é a relação daqueles com o tipo de tarefa a executar.

Deaux (1984) considera, por outro lado, que o sexo deve ser essencialmente entendido como uma categoria social, pois é um factor determinante não só na forma como os observadores estruturam as suas opiniões mas também no modo como os atletas escolhem as suas actividades. Para Deaux (1984), o cerne da questão não está tanto na medida

em como os homens diferem das mulheres, mas sim na medida em como as pessoas consideram que eles diferem.

Esta perspectiva entronca na ideia anteriormente postulada por alguns autores (*e.g.*, Jones e Davis, 1965, in Jones, 1990; Kelley, 1967, in Kelley, 1973) de que as pessoas, quando analisam uma determinada acção, utilizam dados acerca de anteriores acções realizadas pelos autores ou por elementos da mesma categoria. Deaux salienta que o conhecimento das características sexuais dos indivíduos, sendo uma parte do conhecimento que os atribuidores detêm acerca dos autores de uma determinada tarefa, contribuirá grandemente para a estruturação de expectativas em relação à realização da tarefa a observar.

Na análise do rendimento dos indivíduos, Deaux (1976) aponta dois princípios utilizados pelas pessoas: *a*) quando o rendimento alcançado por um determinado indivíduo é consistente com as expectativas criadas, é atribuído preferencialmente a causas estáveis. Concretamente, a habilidade é a atribuição seleccionada na maior parte das vezes. Assim, um resultado esperado de sucesso, ou insucesso, é considerado como consequência da habilidade do autor, ou da sua falta; *b*) quando o rendimento alcançado por um determinado indivíduo não é consistente com as expectativas criadas, é atribuído preferencialmente a causas instáveis, que podem ser internas ou externas. A escolha de uma atribuição particular pode ser influenciada por diversos factores, incluindo a natureza da tarefa.

No contexto desportivo, onde constatamos a existência de inúmeros desportos geralmente percebidos como tipicamente masculinos, as implicações deste facto são evidentes (Biddle, 1993). Assim, se considerarmos que as expectativas associadas às capacidades dos homens, em desportos tipicamente masculinos (*e.g.*, futebol, ciclismo), são distintas das associadas às mulheres praticantes do mesmo desporto, será natural esperar que as atribuições realizadas, quer pelos atletas quer pelos observadores, para os resultados obtidos nessas modalidades sejam igualmente distintas.

As conclusões de um estudo realizado por Deaux e Emswiller (1974, in Biddle, 1993) parecem corroborar esta opinião. Após a realização de uma tarefa «masculina», por homens e mulheres, as pessoas tendiam a atribuir o sucesso nessa tarefa à habilidade de uma forma mais evidente nos homens do que nas mulheres. As atribuições parecem, pois, estar

relacionadas com as opiniões acerca do homem e da mulher (Deaux, 1984 e 1985).

Outra possível explicação para a diferença constatada, entre as atribuições efectuadas por homens e mulheres, foi avançada por Maehr e Nichols (1980) quando referem que o facto de se analisarem as cognições das mulheres a partir de um ponto de vista masculino tem levado à obtenção de resultados falsos. Para estes autores, na sua participação desportiva as mulheres perseguem objectivos e definem a realização de uma forma distinta dos homens.

Paralelamente à consideração da hipótese sugerida por alguns autores (*e.g.*, Deaux, 1984 e 1985; Weiner, 1986) de as diferenças atribucionais verificadas entre homens e mulheres poderem ser o resultado de expectativas de sucesso diferenciadas, há que atentar nas particularidades do próprio contexto desportivo. Especificamente, se analisarmos a estrutura competitiva da quase totalidade das modalidades desportivas, verificamos que, ao invés de outros contextos de realização, os homens e as mulheres não competem entre si.

Esta particularidade do contexto desportivo pode contribuir para a estruturação de expectativas de sucesso semelhantes para os atletas de ambos os sexos e ser a razão para a aparente falta de diferenças sexuais no que concerne às atribuições realizadas pelos atletas. Por outro lado, o facto de tanto homens como mulheres escolherem e persistirem na prática de um determinado desporto pode significar que as semelhanças entre eles, do ponto de vista do perfil psicológico, são mais consistentes do que as diferenças que derivam do seu carácter sexual (Biddle, 1993).

Em suma, a asserção de que os homens e as mulheres percebem os seus sucessos e insucessos de forma distinta carece de fundamentação mais consistente (Biddle, 1993). Tal constatação leva alguns autores (*e.g.*, Blucker e Hershberger, 1983, Tenenbaum e Furst, 1985) a recomendarem a necessidade da realização de mais estudos com vista a uma maior clarificação do assunto.

As razões para a realização do nosso estudo derivaram, fundamentalmente, da constatação do reduzido número de investigações, relativas às atribuições elaboradas no contexto desportivo nacional, realizadas até ao momento. Com efeito, não conhecemos mesmo qualquer estudo publicado na literatura científica nacional acerca das causas aduzidas pelos atletas para os seus resultados desportivos (Brito, 1990). Esta lacuna, que contrasta

Tabela 1.

Caracterização da amostra (idade, tempo de prática desportiva, autopercepção de competência e empenhamento para a prática desportiva). Médias e desvios-padrão das respostas dadas pelos atletas, em função do sexo.

	Masculino (n=122)	Feminino (n=148)
Idade em anos	16.43 ± 1.42	16.08 ± 1.51
Tempo de prática desportiva (meses)	34.28 ± 34.22	38.65 ± 33.47
Autopercepção de competência ^a	12.43 ± 2.84	12.14 ± 3.43
Empenhamento para a prática desportiva ^a	13.92 ± 3.31	14.14 ± 2.95

^a Valores compreendidos entre 2 e 18 (os mais elevados indicando percepções de maior competência e de empenhamento na prática desportiva).

com as tendências da investigação internacional (Biddle, 1993, e Cox, Qiu e Liu, 1993), assumiu-se, pois, como um dos principais incentivos para a realização deste estudo. Todavia, a inexistência de outras investigações realizadas à escala nacional, por outro lado, condicionou-nos a estruturação de hipóteses de trabalho eventualmente mais adequadas à nossa realidade cultural. Em consequência, a nossa hipótese de base (*Os atletas de ambos os sexos percebem de forma semelhante as causas dos seus resultados*) decorreu, essencialmente, das indicações veiculadas na literatura atribucional internacional.

1. *Material e métodos.*

1.1. Sujeitos.

Na tabela 1 apresentam-se os dados relativos à caracterização dos atletas inquiridos, no que concerne à sua idade, tempo de prática desportiva, percepção de competência e índice de empenhamento para a prática da sua modalidade desportiva.

A amostra era constituída por um total de 187 praticantes masculinos (98) e femininos (89) de diversos desportos (natação, voleibol, ginástica artística e ginástica rítmica desportiva). Os atletas masculinos e femininos não só tinham idades semelhantes como praticavam desporto sensivelmente desde a mesma altura.

Quando questionados sobre as percepções que possuíam acerca da sua competência e do nível de empenhamento que colocavam na prática desportiva, os atletas dos dois sexos indicaram igualmente valores aproximados.

1.2. Instrumentos.

O questionário a que os atletas responderam englobava questões acerca de dois tipos distintos de variáveis: as que se relacionavam com as situações e as que eram relativas aos indivíduos.

A primeira parte do questionário, que consistia nas questões relativas às situações, foi preenchida tendo como referência duas realidades diametralmente opostas.

Numa primeira fase, os atletas recordaram a competição em que alcançaram o seu melhor resultado de sempre, respondendo de seguida a diversas questões, de forma a caracterizarem não só a prova e o resultado obtido, mas também as causas que consideravam mais ter contribuído para a sua obtenção. Numa segunda fase, os atletas responderam a um conjunto de perguntas idênticas, mas em que a referência passou a ser a competição em que tinham atingido o seu pior resultado de sempre. O critério de escolha do melhor e do pior resultado de sempre foi da exclusiva responsabilidade do atleta.

A segunda parte do questionário consistia em questões relacionadas com os indivíduos. Estas questões visavam não só dados como a idade e o sexo dos inquiridos mas também a caracterização da sua relação com a modalidade praticada.

Variáveis relativas às situações.

Dimensões causais. Foi utilizada uma versão traduzida e adaptada por Fonseca (1993; Escala de Dimensão Causal II: EDCII) da Causal Dimension Scale II (CDSII: McAuley, Duncan, e Russell, no prelo). A EDCII é uma escala que permite aos inquiridos indicarem a causa que consideram ter sido fundamental para a ocorrência de um determinado resultado e caracterizarem-na ao longo de 4 dimensões: *locus* de causalidade, estabi-

lidade, controlo pessoal e controlo externo. A cada dimensão correspondem três questões, respondíveis numa escala bipolar de Likert de 9 pontos. Os valores de cada dimensão poderão, portanto, variar entre 3 (mínimo) e 27 (máximo), correspondendo os valores mais baixos a percepções dos inquiridos de menor internalidade, estabilidade e passibilidade de controlo pessoal e externo das causas consideradas.

Outras variáveis. Foram ainda feitas questões relativas às provas (tempo decorrido, nitidez da recordação, percepção da importância e da dificuldade) e aos resultados (probabilidade da ocorrência, classificação e satisfação provocada) recordados pelos atletas. Todas estas questões foram respondidas em escalas bipolares de Likert de 9 pontos (de 1=nenhuma ou péssimo a 9=muitíssima ou ótimo).

Variáveis relativas aos indivíduos.

Autopercepção da competência. A autopercepção da competência dos atletas para a prática da sua modalidade foi avaliada a partir das suas respostas a duas questões que apenas diferiam em relação ao momento de análise. Isto é, enquanto a primeira se relacionava com a percepção que o atleta tinha acerca do seu valor actual («Qual é a sua opinião, tendo como referência o panorama nacional, em relação ao seu valor como praticante de modalidade praticada?»), a segunda dizia respeito à percepção que o atleta tinha em relação ao seu valor futuro («Qual é a sua opinião em relação ao valor que considera poder atingir, no futuro, como praticante de modalidade praticada?»). Ambas as questões foram respondidas em escalas bipolares de Likert de 9 pontos (de 1=péssimo a 9=ótimo). Em virtude de uma análise prévia dos resultados ter evidenciado a existência de uma elevada correlação entre as respostas a estas duas questões ($r=.600$, $p=.0001$), decidimos considerar uma única escala, relativa à autopercepção da competência, compreendendo valores entre 2 e 18.

Empenhamento na prática da modalidade. O empenhamento dos atletas na prática da sua modalidade foi igualmente avaliado a partir das suas respostas a duas questões. A primeira questão relacionava-se com a motivação que o atleta considerava ter para a prática da sua modalidade («Qual é a sua motivação para se dedicar intensamente à modalidade praticada?»), e a segunda com a importância consignada à modalidade na sua vida («Qual é a importância que a modalidade praticada tem na sua vida?»). Ambas as

Tabela 2.

Caracterização da prova (tempo decorrido, nitidez da recordação, importância e dificuldades) em que ocorreu o resultado recordado. Médias e desvios-padrão das respostas dadas pelos atletas, em função do sexo e do resultado obtido.

	<i>Resultado</i>	<i>Masculino (n=122)</i>	<i>Feminino (n=148)</i>
Tempo de ocorrência (em meses)	sucesso	11,74 ± 15,03	11,15 ± 13,24
	insucesso	12,94 ± 11,63	10,46 ± 13,51
	ambos	12,33 ± 13,45	10,80 ± 13,34
Nitidez da recordação	sucesso	7,44 ± 1,71	6,89 ± 2,04
	insucesso	6,41 ± 2,44	6,52 ± 2,47
	ambos	6,93 ± 2,16	6,71 ± 2,27
Importância da prova ^a	sucesso	7,94 ± 1,90	7,61 ± 1,78
	insucesso	6,43 ± 2,48	6,21 ± 2,21
	ambos	6,96 ± 2,27	6,91 ± 2,12
Dificuldade da prova ^a	sucesso	6,74 ± 1,83	6,31 ± 1,80
	insucesso	5,88 ± 2,11	5,44 ± 2,06
	ambos	6,31 ± 2,02	5,88 ± 1,98

^a Valores compreendidos entre 1 e 9 (os mais elevados indicando maior nitidez, importância e dificuldade).

Tabela 3.

Caracterização do resultado obtido (probabilidade de ocorrência, classificação e satisfação provocada). Médias e desvios-padrão das respostas dadas pelos atletas, em função do sexo e do resultado obtido.

	<i>Resultado</i>	<i>Masculino (n=122)</i>	<i>Feminino (n=148)</i>
Probabilidade de ocorrência ^a	sucesso	5,62 ± 1,94	5,99 ± 1,86
	insucesso	4,35 ± 2,24	4,56 ± 2,22
	ambos	4,99 ± 2,19	5,28 ± 2,16
Classificação ^a	sucesso	7,86 ± 1,20	7,22 ± 1,48
	insucesso	1,96 ± 1,51	2,34 ± 1,48
	ambos	4,91 ± 3,25	4,78 ± 2,86
Satisfação provocada ^a	sucesso	9,29 ± 1,25	8,02 ± 1,78
	insucesso	1,89 ± 1,74	1,89 ± 1,64
	ambos	5,09 ± 3,55	4,97 ± 3,52

^a Valores compreendidos entre 1 e 9 (os mais elevados indicando maior probabilidade de ocorrência, classificação e satisfação provocada).

questões foram respondidas em escalas bipolares de Likert de 9 pontos (de 1=nenhuma e 9=muitíssima). Em virtude de uma análise prévia dos resultados ter evidenciado a existência de uma elevada correlação entre as respostas a estas duas questões ($r=.657$, $p=.0001$), decidimos considerar uma única escala, relativa ao que designámos de Empenhamento para a prática desportiva, compreendendo valores entre 2 e 18.

Outras variáveis. Foram ainda feitas questões aos atletas relativas à sua idade, sexo e tempo de prática desportiva da modalidade.

1.3. Procedimentos.

Os questionários foram administrados individualmente, no caso de praticantes de modalidades desportivas individuais, e colectivamente aos elementos de cada equipa, no caso de praticantes de modalidades desportivas colectivas, antes, durante ou depois de uma sessão de treino. As normas propostas pelos autores foram respeitadas tanto ao nível da administração dos questionários, como ao nível do tratamento dos resultados. Os administradores dos questionários eram estudantes do último ano da licenciatura em ensino da educação física e desporto da Universidade do Porto, previamente preparados para o efeito.

2. *Apresentação dos resultados.*

As diferenças entre a análise que os atletas masculinos e femininos efectuaram dos acontecimentos que recordaram (tab. 2) não foram elevadas. Com efeito, apesar de os rapazes terem indicado valores significativamente mais elevados do que as raparigas no que concerne ao modo como recordavam as provas em que obtiveram os seus melhores resultados ($t_{1,177}=1.98$, $p=.0247$), os atletas dos dois sexos assemelharam-se ao recordarem com uma nitidez significativamente mais elevada a prova em que alcançaram o seu melhor resultado (masculinos $t_{1,178}=3.295$, $p=.0006$; e femininos $t_{1,174}=1.795$, $p=.0436$) e ao referirem que aquele ocorreu numa prova significativamente mais importante (masculinos $t_{1,178}=3.205$, $p=.0008$; e femininos $t_{1,175}=4.659$, $p=.0001$) do que aquela em que obtiveram o seu pior resultado.

Tabela 4.

Caracterização das causas (*locus* de causalidade, estabilidade e passibilidade de controlo pessoal e externo) indicadas como fundamentais para o resultado obtido. Médias e desvios-padrão das respostas pelos atletas, em função do sexo e do resultado obtido.

	<i>Resultado</i>	<i>Masculino</i> (<i>n</i> =122)	<i>Feminino</i> (<i>n</i> =148)
<i>Locus</i> de causalidade ^a	sucesso	18.96 ± 4.42	18.42 ± 4.31
	insucesso	16.70 ± 5.84	18.62 ± 4.86
	ambos	17.83 ± 5.29	18.15 ± 4.72
Estabilidade ^a	sucesso	13.45 ± 5.13	13.88 ± 4.58
	insucesso	10.09 ± 4.85	9.85 ± 4.43
	ambos	11.77 ± 5.25	11.87 ± 4.92
Controlo pessoal ^a	sucesso	19.29 ± 4.41	18.87 ± 4.41
	insucesso	16.94 ± 6.36	17.98 ± 4.90
	ambos	18.11 ± 5.59	18.42 ± 4.67
Controlo externo ^a	sucesso	13.02 ± 5.44	12.73 ± 5.17
	insucesso	12.19 ± 6.00	12.53 ± 5.42
	ambos	12.61 ± 5.73	12.63 ± 5.29

^a Valores compreendidos entre 3 e 27 (os mais elevados indicando percepções de maior internalidade, estabilidade e passibilidade de controlo, pessoal e externo).

Os atletas masculinos e femininos foram igualmente convergentes ao terem considerado que a prova que deu origem ao seu melhor resultado era significativamente mais difícil do que aquela em que atingiram o seu pior resultado (masculinos $t_{1,178}=2.943$, $p=.0019$; e femininos $t_{1,174}=2.963$, $p=.0018$).

No entanto, quando confrontámos os níveis de dificuldade associados pelos atletas dos dois sexos às suas provas evidenciaram-se algumas diferenças. Efectivamente, os atletas diferenciaram-se das atletas, ao considerarem as suas provas como tendo sido significativamente mais difíceis ($t_{1,354}=2.06$, $p=0.0201$). Também quando analisámos as provas que deram origem aos melhores resultados separadamente, constatámos que os rapazes indicaram igualmente valores significativamente mais elevados do que as raparigas ($t_{1,176}=1.608$, $p=0.05$).

Nas provas que deram origem ao insucesso, as diferenças entre as respostas dos atletas dos dois sexos não eram estatisticamente significativas.

Em relação à caracterização do resultado obtido (tab. 3, p. 42), o único aspecto em que os atletas diferiram das atletas foi o relacionado com

a sua classificação. Assim, os atletas classificaram os resultados positivos de forma significativamente mais elevada ($t_{1,176}=3.174$, $p=.0009$), e os resultados negativos de forma significativamente mais baixa ($t_{1,176}=-1.723$, $p=.0433$) do que as atletas.

Tanto os atletas masculinos como femininos classificaram os seus resultados positivos de forma significativamente mais elevada do que os seus resultados negativos (masculinos $t_{1,178}=29.114$, $p=.0001$; e femininos $t_{1,174}=21.86$, $p=.00001$), tendo igualmente sublinhado que a probabilidade da sua ocorrência era significativamente mais elevada do que a dos resultados negativos (masculinos $t_{1,177}=4.066$, $p=.0001$; e femininos $t_{1,175}=4.661$, $p=.0001$).

Os atletas, de ambos os sexos, foram igualmente coincidentes ao destacarem que a satisfação elicitada pelos seus resultados positivos foi significativamente mais elevada do que a elicitada pelos seus resultados negativos (masculinos $t_{1,178}=28.38$, $p=.0001$; e femininos $t_{1,175}=23.89$, $p=.0001$).

Ao analisarmos a avaliação que os atletas de ambos os sexos efectuaram das causas dos seus resultados (tab. 4), constatámos que os atletas apenas diferiram das atletas em situações de insucesso, ao indicarem valores significativamente mais baixos na dimensão do *locus* de causalidade ($t_{1,185}=-1.716$, $p=.05$).

Porém, ao compararmos as diferenças entre as respostas dadas pelos atletas masculinos e femininos para os seus resultados positivos e negativos e ao confrontá-las posteriormente, emergiu uma outra interessante diferença.

De facto, enquanto para as atletas as diferenças entre a classificação das causas que tinham estado na base do seu melhor e pior resultado apenas eram significativas nas dimensões da estabilidade ($t_{1,176}=5.96$, $p=.0001$) e do controlo pessoal ($t_{1,176}=1.78$, $p=.05$), sendo as causas que as levaram ao sucesso consideradas mais estáveis e passíveis de controlo próprio, para os atletas, as diferenças, para além desta dimensão, estenderam-se igualmente à dimensão do *locus* de causalidade.

Os atletas consideraram as causas subjacentes aos seus melhores resultados significativamente mais internas ($t_{1,194}=3.048$, $p=.0013$), estáveis ($t_{1,194}=4.71$, $p=.0001$), e passíveis do seu controlo ($t_{1,194}=3.001$, $p=.0015$) do que as subjacentes aos seus piores resultados.

3. *Discussão dos resultados.*

Ao analisarmos as respostas dos atletas, em função do seu sexo, pudemos verificar que as semelhanças eram em maior número do que as diferenças. Com efeito, no que concerne à avaliação das causas dos seus resultados, os atletas de ambos os sexos foram unânimes não só ao considerá-las como internas, instáveis e passíveis de controlo da sua parte, mas também ao referirem a sua menor capacidade de serem controladas por outras pessoas.

Quando consideradas em função do resultado obtido, as causas foram, igualmente, avaliadas de modo semelhante pelos atletas de ambos os sexos. Assim, as causas relativas aos sucessos foram caracterizadas pelos atletas como sendo mais estáveis e controláveis do que as referentes aos insucessos.

Estes resultados, apesar de conflitarem com os de alguns estudos (*e.g.*, Riordan, Thomas e James, 1985; Tenenbaum e Furst, 1985) em que foram evidentes diferenças entre as percepções de atletas dos diferentes sexos em relação, por exemplo, às propriedades de estabilidade das causas dos seus resultados, convergem com as conclusões da maioria das investigações publicadas nos últimos anos (*e.g.*, Biddle e Hill, 1992; Gill, Ruder e Gross, 1982; Mark, Mutrie, Brooks e Harris, 1984; McAuley e Duncan, 1989; Robinson e Howe, 1989). Em nenhum destes estudos se evidenciaram diferenças entre as avaliações que os atletas dos dois sexos efectuaram das causas dos seus resultados.

Em decorrência, havíamos hipotetizado a inexistência de diferenças significativas entre as avaliações que os atletas dos sexos masculino e feminino efectuariam das causas dos seus resultados.

No entanto, paralelamente às semelhanças já referidas, os dados do nosso estudo evidenciaram algumas diferenças entre as respostas dos atletas dos diferentes sexos. Estas diferenças situaram-se exclusivamente na dimensão do *locus* de causalidade, com os homens a percepcionarem as causas dos seus resultados negativos de uma forma menos interna do que as mulheres.

Também Tenenbaum e Furst (1985), num estudo em que avaliaram não só as opiniões de um grupo de atletas em relação a provas que tinham acabado de disputar, mas também, através da Wingate Sport Achievement Responsibility Scale (Tenenbaum e Weingarten, 1983), a sua tendência

atribuicional, destacaram diferenças sexuais ao nível da dimensão do *locus* de causalidade.

Os dados obtidos por Tenenbaum e Furst (1985) parecem ser parcialmente consistentes com os nossos. Com efeito, apesar de as diferenças não terem atingido significado estatístico quando confrontadas com situações desportivas hipotéticas, as atletas consideraram, à semelhança do verificado no nosso estudo, os insucessos de uma forma mais interna do que os atletas.

Ao invés, quando questionados logo após a realização de uma prova, os atletas avaliaram as causas dos seus resultados como mais internas, estáveis e controláveis do que as atletas. Há que salientar, todavia, que em relação a esta segunda situação os autores não distinguiram os valores em função do tipo de resultado obtido pelos atletas de ambos os sexos, o que poderá, eventualmente, ter contribuído para as diferenças verificadas.

Algumas das explicações mais consistentes encontradas na literatura (*e.g.*, Deaux, 1984) para a explicação das diferenças atribucionais entre atletas dos sexos masculino e feminino referidas por diversos investigadores (McHugh, Duquin e Frieze, 1978) dimanam da consideração de que a atletas de diferentes sexos corresponderão diferentes expectativas de êxito desportivo ou mesmo de percepção de competência. Essas assimetrias na percepção de competência dos atletas levá-los-ão a estruturar diferenciados níveis de expectativas pré-competitivas que, por sua vez, condicionarão o nível de rendimento atingido e consequentes explicações causais.

Todavia, no nosso estudo, quando confrontadas as percepções que os atletas dos dois sexos detinham em relação à probabilidade de ocorrência dos seus resultados e à sua autocompetência não foram evidentes diferenças significativas. Este facto poderá, eventualmente, significar que a possível diferenciação dos níveis de expectativa de sucesso e de percepção da autocompetência entre os atletas dos diferentes sexos não terá sido, neste caso, a responsável pelas diferenças encontradas.

Quando analisámos o modo como os atletas dos dois sexos avaliaram as provas e os resultados recordados, constatámos, igualmente, que as semelhanças entre eles suplantaram as diferenças. No entanto, os rapazes diferiram das raparigas em dois aspectos. Primeiro – talvez com o objectivo de obter uma maior gratificação pessoal –, os níveis de dificuldade que associaram às provas que deram origem aos seus melhores resultados eram significativamente mais elevados do que os das raparigas. Segundo, a

amplitude da classificação dos resultados alcançados efectuada pelos rapazes era pronunciadamente mais elevada do que a das raparigas: os rapazes classificaram os seus resultados positivos de forma significativamente mais elevada e os resultados negativos de forma significativamente mais baixa do que as raparigas. Estes resultados convergem, de algum modo, com as sugestões de alguns autores (e.g., Carron, 1984) acerca da evidência de uma modéstia atribucional por parte das mulheres.

Apesar de a circunstância dos atletas masculinos e femininos inquiridos não competirem simultaneamente no mesmo quadro competitivo, o que lhes poderá ter possibilitado a estruturação de expectativas de êxito semelhantes – como vimos –, eventualmente responsáveis, por sua vez, pela inexistência de grandes diferenças entre as suas respostas, o contexto desportivo pode estar na base das diferenças encontradas. De facto, pensamos que a realidade cultural desportiva do nosso País – nomeadamente no estatuto diferenciado que é dedicado aos elementos dos dois sexos – pode estar relacionada com a diferente atitude assumida pelos rapazes em relação aos seus resultados.

Numa sociedade tradicional como a nossa – principalmente se a compararmos com a norte-americana, onde têm sido realizados a maioria dos estudos referidos – em que o papel atribuído ao homem é ainda destacadamente diferente do atribuído à mulher – nomeadamente no que concerne à necessidade ou mesmo, nalguns casos, obrigatoriedade de sucesso –, parece-nos perfeitamente previsível a maior necessidade de utilização, por parte dos rapazes, de estratégias de protecção e implementação dos seus níveis de auto-estima.

É nesse sentido que, consideramos, convergem as diferenças encontradas. Com efeito, verificamos que os rapazes diferiram das raparigas essencialmente na avaliação das propriedades de internalidade/externalidade das causas dos seus resultados negativos, nos níveis de dificuldade associados às provas em que obtiveram os seus melhores resultados, e na classificação que efectuaram dos seus resultados. Todas essas diferenças parecem, em nosso entender, concorrer para o atingimento de um duplo objectivo de minimização dos efeitos negativos do insucesso – classificando-o como tal, mas rejeitando, parcialmente, a responsabilidade na sua ocorrência – e de maximização dos efeitos positivos do sucesso – não só atribuindo-lhe valores mais elevados, mas referindo também a grande dificuldade que implicava a sua obtenção. Como possível explicação para

este facto podemos destacar a eventual maior necessidade de protecção e/ou incremento da auto-estima sentida pelos atletas do sexo masculino.

De ressaltar, no entanto, que tal opinião não exclui, em nosso entender, a possibilidade de uma necessidade semelhante, porventura menos intensa, por parte das atletas, aparentemente evidenciada pelas suas respostas, semelhantes às dos rapazes, aos três grupos de questões: avaliação das causas dos resultados, avaliação das provas recordadas e avaliação dos resultados.

Em relação ao primeiro, as causas dos melhores resultados foram configuradas como sendo mais estáveis e passíveis de controlo da sua parte do que as causas dos insucessos. No que concerne ao segundo, foi referida a existência de uma recordação mais nítida das provas em que ocorreram os melhores resultados, bem como uma associação de maiores índices de dificuldade e de importância a essas mesmas provas. Finalmente, e em relação aos resultados obtidos, foi sublinhada a existência de uma percepção de maior probabilidade de ocorrência dos resultados positivos.

4. *Conclusões.*

Os atletas, de uma forma geral, parecem considerar que os seus bons resultados são consequência de causas mais internas, estáveis e passíveis do seu controlo do que os seus maus resultados. Estes dados providenciam, assim, suporte para a sugestão da existência, ao nível das respostas dos atletas inquiridos, do fenómeno do egoísmo atribucional.

No entanto, tanto as causas dos sucessos como dos insucessos parecem ser percebidas como sendo internas, estáveis e controláveis – por eles e não pelos outros. Por outro lado, os rapazes apesar de, aparentemente, perceberem as causas dos seus resultados de um modo semelhante às raparigas, parecem desvincular-se mais pronunciadamente, do que aquelas, dos seus resultados negativos.

Os nossos dados parecem, pois, ser parcialmente consistentes com os referidos na literatura atribucional internacional. Todavia, a diversidade de metodologias utilizadas pelos investigadores, não só no que concerne à avaliação das atribuições mas também no que relaciona com a determinação do resultado experienciado pelos atletas ou mesmo com a eventual influência que o nosso contexto cultural possa exercer neste domínio,

leva-nos a sugerir a necessidade da realização de mais estudos, acerca deste tema, com atletas nacionais, no sentido da confirmação das conclusões aqui enunciadas.

Referências

- Biddle, S. J. H. (1993), «Attribution research and sport psychology», in R. Singer, M. Murphey e L. K. Tennant (eds.), *Handbook of research on sport psychology*, pp. 437-64, New York, MacMillan.
- Biddle, S. J. H., e Hill, A. B. (1992), «Attributions for objective outcome and subjective appraisal of performance. Their relationship with emotional reactions in sport», in *British Journal of Social Psychology*, 31, pp. 215-26.
- Bird, A. M., e Williams, J. M. (1980), «A developmental-attributional analysis of sex role stereotypes for sport performance», in *Developmental Psychology*, 16, pp. 319-22.
- Blucker, J. A., e Hershberger, E. (1983), «Causal attribution theory and the female athlete. What conclusions can we draw?», in *Journal of Sport Psychology*, 5, pp. 353-60.
- Brawley, L. R., e Roberts, G. C. (1984), «Attributions in sport: Research foundations, characteristics, and limitations», in J. M. Silva e R. S. Weinberg (eds.), *Psychological foundations of sport*, pp. 197-213, Champaign, IL: Human Kinetics.
- Brito, A. P. (1990), «Psicologia do desporto. Panorâmica: desenvolvimento, principais áreas e aplicações. Investigação a nível internacional e em Portugal», in *Ludens*, 12 (2), pp. 5-22.
- Carron, A. V. (1980), *Social psychology of sport*, Ithaca N.Y., Movement.
- (1984), *Motivation. Implications for coaching & teaching*, Ontario, Sport Dynamics.
- Cox, R. H.; Qiu, Y.; e Liu, Z. (1993), «Overview of sport psychology», in R. Singer, M. Murphey e L. K. Tennant (eds.), *Handbook of research on sport psychology*, pp. 3-31, New York, MacMillan.
- Deaux, K. (1976), *The behavior of women and men*, California, Brooks & Cole, 1976.
- (1984), «From individual differences to social categories. Analysis of a decade's research on gender», in *American Psychologist*, 39, pp. 105-16.
- (1985), «Sex and gender», in *Annual Review of Psychology*, 36, pp. 49-81.
- Durand, M. (1987), *L'enfant et le sport*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Durkin, K. (1987), «Social cognition and social context in the construction of sex differences», in M. A. Baker (ed.), *Sex differences in human performance*, pp. 141-70, New York, John Wiley & Sons.

- Fielstein, E.; Klein, M. S.; Fischer, M.; Hanan, C.; Koburger, P.; Schneider, M. J.; e Leitenberg, H. (1985), «Self-esteem and causal attributions for success and failure in children», in *Cognitive Therapy and Research*, 9 (4), pp. 381-98.
- Fonseca, A. M. M. (1993), *Escala de Dimensão Causal II*, trabalho não publicado, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Gill, D. L.; Ruder, M. K.; e Gross, J. B. (1982), «Open-ended attributions in team competition», in *Journal of Sport Psychology*, 4, pp. 159-69.
- Heider, F. (1944), «Social perception and phenomenal causality», in *Psychological Review*, 51, pp. 358-74.
- (1958), *The psychology of interpersonal relations*, New York, Wiley.
- Jones, E. (1990), *Interpersonal perception*, New York, W. H. Freeman and Company.
- Kelley, H. H. (1973), «The processes of causal attribution», in *American Psychologist*, 28, pp. 107-28.
- Leggett, E. (1985), *Children's entity and incremental theories of intelligence. Relationships to achievement behavior*, trabalho apresentado no 56th Annual Meeting of the Eastern Psychological Association, Boston.
- Maehr, M. L., e Nicholls, J. G. (1980), «Culture and achievement motivation. A second look», in N. Warren (ed.), *Studies in cross-cultural psychology*, pp. 221-67, New York, Academic Press.
- Mark, M. M.; Mutrie, N.; Brooks, D. R.; e Harris, D. V. (1984), «Causal attributions of winners and losers in individual competitive sports. Toward a reformulation of the self-serving bias», in *Journal of Sport Psychology*, 6, pp. 184-96.
- McAuley, E., e Duncan, T. E. (1989), «Causal attributions and affective reactions to disconfirming outcomes in motor performance», in *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 11, pp. 187-200.
- McAuley, E.; Duncan, T. E.; e Russell, D. W. (no prelo), «Measuring causal attributions. The revised Causal Dimension Scale II (CDSII)», in *Personality and Social Psychology Bulletin*.
- McHugh, M. C.; Duquin, M. E.; e Frieze, I. H. (1978), «Beliefs about success and failure. Attribution and the female athlete», in C. Oglesby (ed.), *Women and sport. From myth to reality*, pp. 173-91, Philadelphia, Lea & Febiger.
- Riordan, C. A.; Thomas, J. S.; e James, M. K. (1985), «Attributions in one-on-one sports competition. Evidence for self-serving biases and gender differences», in *Journal of Sport Behavior*, 8, pp. 42-53.

- Roberts, G. C.; Spink, K. S.; e Pemberton, C. L. (1986), *Learning experiences in sport psychology*, Champaign, IL: Human Kinetics.
- Robinson, D. W., e Howe, B. L. (1989), «Appraisal variable/affect relationships in youth sport. A test of Weiner's attributional model», in *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 11, pp. 431-43.
- Singer, R. N. (1985), *Current perspectives on motor learning and sport psychology*, trabalho apresentado no VI International Meeting of the International Society of Sport Psychology, Copenhaga.
- Tenenbaum, G., e Furst, D. (1985), «The relationship between sport achievement responsibility, attribution and related situational variables», in *International Journal of Sport Psychology*, 16, pp. 254-69.
- Tenenbaum, G., e Weingarten, G. (1983), «External vs. internal attribution in team and individual athletes. Measured by the Wingate Sport Achievement Responsibility Inventory», paper presented at the Fifth Annual Meeting of the European Federation of Sport Psychology.
- Tetlock, P. E., e Levi, A. (1982), «Attribution bias. On the inconclusiveness of the cognition-motivation debate», in *Journal of Experimental Social Psychology*, 18, pp. 68-88.
- Thomas, R.; Missoum, G.; e Rivolier, J. (1987), *La psychologie du sport de haut niveau*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Weiner, B. (1979), «A theory of motivation for some classroom experiences», in *Journal of Educational Psychology*, 71 (1), pp. 3-25.
- (1986), *An attributional theory of motivation and emotion*, New York, Springer Verlag.
- (1990), «History of motivational research in education», in *Journal of Educational Psychology*, 82 (4), pp. 616-22.
- Weiss, M. R.; McAuley, E.; Ebbeck, V.; e Wiese, D. M. (1990), «Self-esteem and causal attributions for children's physical and social competence in sport», in *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 12, pp. 21-36.
- Williams e Straub (1986), «Sport psychology. Past, present, future», in Jean M. Williams (ed.), *Applied sport psychology*, pp. 2-13, Mayfield Publishing Company.
- Zientek, C. E. C., e Breakwell, G. M. (1988), «Attributions made in ignorance of performance outcome», in *International Journal of Sport Psychology*, 19, pp. 38-46.

Abstract. – The author studied the perception of athletes about their most significant (positive and negative) performances of ever. Subjects were 187 athletes, 98 male and 89 female from different sports (swimming, volleyball, artistic gymnastics and rhythmical gymnastics). In general, results show that athletes attribute their performances internally, unstably and controllably. However, values concerning good performances are higher than those concerning bad performances. On the other hand, although both sexes have similar attributions, male athletes seem to consider themselves less responsible for their worse performance's.